

# **ARTIGOS ARTICLES ARTÍCULOS**



# **Aproximações e distanciamentos entre fundamentalismo e pré-milenarismo: por uma tipologia do protestantismo a incluir John Gresham Machen**

**Approaches and estrangements between fundamentalism and premillennialism: for a typology of Protestantism that includes John Gresham Machen**

**Aproximaciones y distanciamientos entre fundamentalismo y premilenarismo: por una tipología del protestantismo que incluya a John Gresham Machen**

Breno Martins Campos\*

Aretha Beatriz Brito da Rocha\*\*

## **RESUMO**

Como resultado de pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, este artigo representa uma contribuição a mais para a inesgotável tarefa de tipologizar o protestantismo. Metodologicamente, consideramos que afinidades eletivas entre as condições materiais e mentais dos EUA no início do século XX permitem-nos compreender por que o movimento fundamentalista original e seus desdobramentos no mundo todo, ao longo do século passado, abraçaram o literalismo na interpretação da Bíblia e o dispensacionalismo pré-milenarista de Darby e Scofield. Hoje, a maioria dos fundamentalistas é dispensacionalista, pré-milenarista e pré-tribulacionista, mas nem sempre foi assim. Nosso objetivo é demonstrar que a adoção do dogma da inerrância bíblica e a crítica ao liberalismo teológico, adversário interno do protestantismo conservador desde o século XIX, não incluem como resultado necessário o dispensacionalismo. A produção teológica de Machen, na condição de estudo de caso que desconcerta as classificações previsíveis dentro do campo protestante, permite-nos afirmar que o fundamentalismo não é uma exclusividade dos pré-milenaristas.

**Palavras-chave:** Fundamentalismo; pré-milenarismo; protestantismo; dispensacionalismo; John Gresham Machen.

## **ABSTRACT**

As a result of an exploratory bibliographical research, this article represents a further contribution to the inexhaustible task of typologizing Protestantism. Methodologically, we consider that elective affinities between material and mindset conditions in the early twentieth century in the United States allow us to understand why the original fundamentalist movement and its unfolding throughout the world during the last century have embraced literalism in the interpretation of the Bible and the pre-millennial dispensationalism of Darby and Scofield.

---

\* Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade de Ciências Sociais da PUC-Campinas. E-mail: brenomartinscampos@gmail.com

\*\* Mestra em Ciências da Religião pela PUC-Campinas. E-mail: aretha\_beatriz@yahoo.com.br

Today, most fundamentalists are dispensationalists, pre-millennialists, and pre-tribulationists, but this has not always been the case. Our goal is to demonstrate that the adoption of the dogma of biblical inerrancy and criticism of theological liberalism, the internal adversary of conservative Protestantism since the nineteenth century, does not necessarily include dispensationalism as an outcome. The theological scholarship of Machen, in the condition of a case study that disconcerts predictable classifications within the Protestant camp, allows us to affirm that fundamentalism is not an exclusivity of the pre-millennarians.

**Keywords:** Fundamentalism; premillennialism; Protestantism; dispensationalism; John Gresham Machen.

## RESUMEN

Resultante de una investigación bibliográfica de naturaleza exploratoria, este artículo ofrece una contribución más para el inagotable trabajo de clasificar el protestantismo. Metodológicamente hemos considerado que afinidades electivas entre las condiciones materiales y mentales de los Estados Unidos a principios del siglo XX nos ha permitido comprender la razón por la cual el movimiento fundamentalista original, como además su desdoblamiento en el mundo a lo largo del siglo pasado, haber abrazado el literalismo en la interpretación de la Biblia y el dispensacionalismo premilenarista de Darby y Scofield. Al día de hoy, la mayoría de los fundamentalistas es dispensacionalista y premilenarista, pero no siempre ha sido de esta forma. Nuestro objetivo es demostrar que la adopción del dogma de la infalibilidad bíblica y la crítica al liberalismo teológico, adversario interno del protestantismo conservador desde el siglo XIX, no incluye como resultado necesario el dispensacionalismo. La producción teológica de Marchen (estudio de caso que desconcierta las clasificaciones previsibles en el campo protestante) nos ha permitido afirmar que el fundamentalismo no es una exclusividad de los premilenaristas.

**Palabras clave:** Fundamentalismo; premilenarismo; protestantismo; dispensacionalismo; John Gresham Machen.

## Introdução

Como ponto de partida a justificar a pertinência e certo ineditismo deste artigo, evocamos uma provocação de Antonio Gouvêa Mendonça (2001), segundo a qual é a paixão que conduz o pesquisador – de qualquer área do conhecimento, incluindo as ciências da religião e a teologia – a seu objeto de investigação. Por isso mesmo, não há – nem pode haver – cientista totalmente isento de preconceitos culturais ou de formação. Como espécie de *ira santa*, essas palavras de Mendonça foram dirigidas àqueles que condicionavam algumas de suas opiniões ao fato de ele pertencer a uma instituição religiosa, no caso, a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB).

Os argumentos de Mendonça chamam a atenção para o ganho dos cientistas da religião religiosos se comparados com seus colegas não religiosos, por exemplo, os *de dentro* levam vantagem sobre os *de fora* “pelo menos quando ‘desconfiam’ de que falar de Assembleia de Deus não é a mesma coisa que falar em IURD [Igreja Universal do Reino de Deus]” (MENDONÇA, 2001, p. 191). Mesmo sem levar adiante a temática das possíveis vantagens do cientista da religião religioso no estudo do campo religioso brasileiro, podemos concordar, *pelo menos*, quanto ao ponto central da opinião de Mendonça: é muito difícil aos “de fora” (pesquisadores ou não), e mesmo a muitos “de

dentro”, a condição necessária para a classificação e diferenciação de uma coisa e outra – Assembleia de Deus e IURD, no caso citado, mas a lista com outros nomes (de pessoas, instituições, acontecimentos etc.) poderia ser expandida *ad infinitum*.

Para ampliar as considerações acerca de possíveis critérios de classificação internos ao campo religioso, nosso artigo pretende relacionar, por aproximações e distanciamentos, *fundamentalismo* e *pré-milenarismo*. Por força do objeto construído e do escopo pretendido, nossos argumentos se afastam do campo religioso brasileiro, mas sem o abandonar por completo, portanto, não deixam de lançar luzes também para a compreensão do lugar ocupado pelo fundamentalismo nas igrejas evangélicas do Brasil contemporâneo. Entretanto, nosso caso para estudo é o do *primeiro fundamentalismo*, responsável pela utilização original desse nome no contexto da modernidade, ou seja, estamos a considerar o fundamentalismo protestante nos EUA da passagem do século XIX para o XX. Reconhecemos, ainda, que não é tão simples falar de *primeiro fundamentalismo*. Para tanto, valemo-nos mais uma vez do repto metodológico de Mendonça: o *nativo* tem vantagens em relação ao *iniciado*, e este em relação ao *não iniciado*, quanto ao debate do que deve ou não ser chamado de fundamentalismo. A fim de compreendermos um pouco mais do sentido do movimento fundamentalista original e de seus desdobramentos históricos, fazemos um retorno necessário a alguns dos textos fundamentalistas primários.

A proximidade com os discursos fundamentalistas de *primeira hora* nos permite, na condição de intérpretes, a compreensão da mentalidade e das ações de um grupo religioso que há mais de cem anos vive o presente de acordo com certa idealização do passado e se coloca diante da expectativa do cumprimento do futuro da única forma possível – tanto na história quanto para além dela. Para a apreensão de como pensam e agem os fundamentalistas no presente, pelo legado que receberam das gerações anteriores baseado na perspectiva futura pré-determinada pela escatologia dispensacionalista pré-milenarista, colocamos em questão o lugar de alguns de seus principais ideólogos (teólogos), como John Nelson Darby e Cyrus Ingerson Scofield, em cotejo com o pensamento de teólogos dentro da mesma tradição e que escreveram no final do século XX. Nosso interesse é acompanhar e compreender o crescimento e a popularização do modelo teológico dispensacionalista pré-milenarista, dentro do fundamentalismo durante o século passado. O contraponto a esse movimento vem da leitura crítica do livro *Cristianismo e liberalismo* do teólogo John Gresham Machen (1881-1937) – personagem importante dessa história toda, que é, a nosso ver, desconhecido dos “de fora” e também de muitos dos “de dentro”.

## O pré-milenarismo no fundamentalismo protestante

Ao estabelecer os traços principais do fundamentalismo na América do Norte, Nancy T. Ammerman (1994, p. 6) concede ao pré-milenarismo uma condição de destaque: assim, baseados na doutrina da inerrância bíblica, “fundamentalistas não leem a Bíblia tão somente para aprender história ou princípios morais. Eles também esperam encontrar nas Escrituras pistas para o futuro destino deste mundo, isto é, o que acontecerá no Fim dos Tempos”. Tributário das leituras literalistas de alguns textos proféticos – coerentes, de certo modo, com o princípio da rejeição hermenêutica no trato com o cânon –, o movimento fundamentalista, em sua maioria e em pouco tempo, passou a ser dominado pelo *pré-milenarismo dispensacionalista pré-tribulacionista*. “As ideias que vêm com esse rótulo são quase tão complicadas como o rótulo, porém, uma das mais importantes é a ideia de arrebatamento”, ou seja, num dia que está próximo, “os crentes verdadeiros simplesmente ouvirão a trombeta celestial e desaparecerão no céu, deixando desorientados aqueles a seu redor. Esse é o arrebatamento para os que procuram estar preparados” (AMMERMAN, 1994, p. 6).

Com acuidade, Karen Armstrong (2001, p. 165) nos faz lembrar que “o pré-milenarismo é uma fantasia de revanche”: os que ficarem na terra, depois do arrebatamento, deverão reconhecer forçosamente que a verdade sempre esteve com os cristãos convertidos (outro nome para evangélicos – e também para os fundamentalistas – nos EUA), que subiram aos céus levados por Deus. Segundo a especificidade da visão escatológica em questão, o arrebatamento é uma doutrina – transformada em *ardente expectativa*, ou seja, numa condição comportamental para os fiéis – que se complementa com a da tribulação, não menos importante segundo certa leitura literalista de algumas passagens proféticas da Bíblia, especialmente dispostas nos livros de Daniel e do Apocalipse. Há um esquema bem definido para descrever os acontecimentos relativos ao fim, espécie de sistema doutrinário aplicado à história: depois do arrebatamento dos crentes, vem o governo do anticristo, seguido da grande batalha final (Armagedon), na qual as forças do bem e do mal vão se enfrentar.

Apenas depois disso é que Cristo estabelecerá um reino de paz e justiça na Terra. Que os fundamentalistas acreditem que Cristo terá de voltar antes do milênio (reinado de mil anos sobre a Terra) faz deles “pré-milenaristas” (em contraste com os “pós-milenaristas”, mais otimistas, que pensavam que o esforço humano poderia inaugurar o reino de Deus). Que eles acreditem que o arrebatamento ocorrerá antes das convulsões da tribulação faz sua posição ser “pré-tribulacionista”. (Há também as posições “midi ou meso-tribulacionista” e “pós-tribulacionista”, mas são menos populares.) Que eles dividam a história em tais períodos bem definidos, separados por atos culminantes de Deus, é como o coração do ser “dispensacionalista” (AMMERMAN, 1994, p. 7).

Para finalizar as explicações concernentes ao rótulo *pré-milenarismo dispensacionalista pré-tribulacionista*, resta-nos dizer que o dispensacionalismo emerge de uma leitura teológica muito particular da história, que a divide em sete períodos, nos quais – ou em cada qual – a salvação de Deus é *dispensada* de modo único. De acordo com essa visão, a era (ou dispensação) atual é a da Igreja, que é também a penúltima da série e será sucedida pela do Reino. Os acontecimentos dentro da assim chamada dispensação do Reino encerrarão a história como é vivida hoje pelos seres humanos. Para Ammerman, a passagem da inerrância bíblica (modelo de interpretação das Escrituras) para o dispensacionalismo pré-milenarista (teologia da história) pode ser entendida pela iminente expectativa do fim vivida pelos crentes na passagem do século XIX para o XX, com a consequente organização de conferências bíblicas e proféticas, que acabaram por estabelecer um tal esquema para o final do mundo. O dispensacionalismo e o pré-milenarismo, segundo o modelo de Darby, foram amplamente divulgados pela Bíblia anotada de Scofield, publicada pela primeira vez em 1909, ou seja, em concomitância com a série *The Fundamentals: a Testimony to the Truth* (1910-1915) – que é, de longe, o documento mais associado com o fundamentalismo protestante originário, e não somente por causa do nome.

James Barr (1984) propõe que o pensamento de Darby e Scofield deve ser tomado como uma *interpretação particular* dos textos bíblicos, especialmente os proféticos; ele *acusa* Darby de ser individualmente o inventor do pré-milenarismo dispensacionalista – que se colocou desde sempre em rota de colisão contra todas as principais tradições de interpretação bíblica dentro do cristianismo. Apesar de Darby ser inglês, a escatologia dispensacionalista chamou muito mais a atenção dos protestantes nos EUA, onde a mentalidade e a ética dela decorrente ganharam grandes proporções e contornos definitivos.<sup>1</sup> De lá, o modelo foi exportado para boa parte do mundo, dentre outras atitudes e práticas, pela distribuição de literatura e envio de missionários.

A seu ver [de Darby] o mundo moderno nada tinha de bom e caminhava velozmente para a destruição. Ao invés de se tornar mais virtuosa, como esperavam os pensadores do Iluminismo, a humanidade se depravava de tal maneira que Deus logo seria forçado a interferir, infligindo-lhe sofrimentos indizíveis. Mas os cristãos fiéis emergiriam triunfantes dessa provação e desfrutariam a vitória final de Cristo e seu Reino glorioso (ARMSTRONG, 2001, p. 164).

---

<sup>1</sup> “A história da posição premilenista da Bíblia surge, de acordo com os comentaristas, com o teólogo luterano alemão F. J. Delitzsch (1813-1890), com o acadêmico suíço da Igreja Reformada Frédéric Godet (1812-1900) e com o pregador britânico da Igreja Batista F. B. Meyer (1847-1929). Todos eles enfatizavam a grande e geral expectativa do reinado futuro e glorioso de Cristo sobre a terra. Com a colaboração adicional da ênfase dispensacionalista de John Darby (1800-1882) e da Bíblia anotada de C. I. Scofield (publicada em 1909), as características distintivas da igreja conservadora dos Estados Unidos estavam completas” (HINDSON, 2009, p. 24-25).

Os que reagiram em moldes fundamentalistas ao período agônico de crítica à modernidade – principalmente contra certos avanços científicos (o darwinismo como exemplo mais forte) e também contra o liberalismo teológico – não eram um grupo monolítico no início do século XX: “Nem todos os que emergiram como defensores da Bíblia eram também dispensacionalistas, mas quase todos os dispensacionalistas eram ardentes defensores da literalidade das Escrituras” (AMMERMAN, 1994, p. 17). Se no transcurso do século XX o pré-milenarismo passou a ser uma característica forte do fundamentalismo, foi também porque o mesmo século assistiu à emergência, consolidação e crescimento do pentecostalismo – não no mundo todo, é claro, mas em muitos lugares em que eram hegemônicos os protestantes históricos. Os fundamentalistas do início do movimento, dentro das denominações protestantes tradicionais, perderam espaço interno (no campo evangélico) e poder (no espaço público e político) para os fundamentalistas pentecostais (e pré-milenaristas).

Depreendemos de tudo isso que o pré-milenarismo não é – como nunca foi – condição necessária para o fundamentalismo, em contrapartida, podemos afirmar que o pré-milenarismo em sua totalidade sustenta a crença no literalismo das Escrituras, que é a especificidade *fundante* do *fundamentalismo*. Mesmo que o pré-milenarismo não fosse o ideário unânime dentre os fundamentalistas no início do século XX, a mentalidade deles estava plena de noções pré-milenaristas – como parte do legado teológico do século XIX. Como consequência, a disseminação da teologia dispensacionalista foi tão significativa durante o século passado que a grande distinção do fundamentalismo contemporâneo é o fato de a imensa maioria de seus adeptos ser dispensacionalista pré-milenarista.

Em nosso de tempo de vida – no mundo e também em nosso país –, assistimos a um recrudescimento do fundamentalismo religioso, com desdobramentos políticos inegáveis, que merece ser investigado e compreendido academicamente. É preciso lembrar aos pesquisadores, teólogos e cientistas da religião, pertencentes ou não ao campo religioso, que fundamentalista não é somente o exótico, travestido de exagero da realidade na forma do pré-milenarista pentecostal, mas, e antes de tudo, pode ser encontrado mesmo no protestantismo histórico, intelectualizado<sup>2</sup> e amilenarista.

## O fundamentalismo protestante de J. G. Machen

Não temos nenhum problema em concordar com Jürgen Moltmann (1992-1993), para quem o fundamentalismo original foi uma reação de setores do protestantismo aos ataques da modernidade contra a pureza da fé e as

---

<sup>2</sup> Armstrong (2001, p. 202-203) considera Machen “o mais intelectual dos fundamentalistas”.



convicções basilares das comunidades religiosas. Noutros termos, mais nossos do que do teólogo alemão, podemos entender o fundamentalismo protestante como uma crítica da crítica moderna à ortodoxia protestante. A reação do fundamentalismo protestante não foi, portanto, contra o pacote integral da modernidade; ao contrário, fundamentalistas protestantes aprenderam desde cedo a utilizar meios modernos visando a alcançar seus fins,<sup>3</sup> quase sempre vinculados à defesa de sua fé e acusação do pensamento divergente, bem como à conversão ou rejeição do outro.

Ammerman nos permite reconhecer certas *afinidades eletivas*,<sup>4</sup> que fazem essa discussão passar do reino das causalidades para o das correlações, entre algumas cidades e regiões industrializadas dos EUA – marcadas por elevada divisão do trabalho, diversidade de estilos de vida e pluralismo religioso – e a teologia e ética fundamentalistas. Ammerman (1994, p. 21-22) nos possibilita reconhecer também algumas das consequências dessas afinidades, dentre as quais, destacamos aquilo que de modo muito lúcido e didático ela chama de *o mundo da palavra impressa*. Como *religião do livro*, desde o retorno à Palavra (e às palavras), proposto pela Reforma do século XVI, o cristianismo em sua vertente protestante se afirma fundamentado unicamente na Bíblia (*Sola Scriptura*) – segundo, é claro, interpretação própria do protestantismo. Os reformadores no século XVI e os teólogos da ortodoxia protestante no

---

<sup>3</sup> Peter Berger (2017, p. 141) narra um acontecimento – do universo islâmico, é bem verdade –, que serve de modelo analítico também para o caso do fundamentalismo protestante nos EUA e em outros países alcançados por ele: “Em algum momento, na década de 1920, o Rei Ibn Saud, fundador do Estado da Arábia Saudita, queria instalar uma linha telefônica entre Riadh, a capital no interior, e Jeddah, a cidade portuária no Mar Vermelho. Os clérigos muçulmanos na sua comitiva se opuseram fortemente a isto. Eles sustentavam que o telefone era um instrumento satânico. Em razão disso, o rei ordenou que passagens do Corão fossem lidas ao telefone, demonstrando que este não podia ser um instrumento satânico, porque o texto sagrado podia ser transmitido por ele”. Como resultado, a Arábia Saudita absorveu todo tipo de tecnologia necessária a seu desenvolvimento, mesmo se mantendo profundamente conservadora quanto às leis religiosas, portanto, podemos afirmar que fundamentalismo religioso e utilização de tecnologias modernas não são categorias excludentes. O fundamentalismo protestante, por exemplo, tornou-se pródigo na utilização da imprensa e na distribuição massiva de literatura; depois, na apropriação da tecnologia de transmissão de mensagens pelas estações de rádios e TV; e, mais recentemente, na disputa para ocupar espaços com competência na *internet*.

<sup>4</sup> Por apropriação de um oportuno conceito weberiano, entendemos o fundamentalismo protestante como resultante de *afinidades eletivas* entre as condições materiais e as perspectivas religiosas de uma nação, os EUA, num típico período de virada de século, com tudo de simbólico que isso acarreta. Ammerman, na verdade, trata do caso, mas não faz uso do nome. Segundo Michael Löwy (2011, p. 142), “Weber não define o conceito; todavia, podemos propor a seguinte definição, com base no uso weberiano do termo: afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, determinados parentescos íntimos ou afinidades de sentido, em relação de atração e influência recíprocas, seleção e reforço mútuos e convergência ativa”.

século XVII não somente voltaram aos textos bíblicos, distanciando-se da interpretação mantida pela tradição, mas trataram também de produzir e divulgar seus próprios textos. Por paralelismo, afirmamos que os fundamentalistas no início do século XX também propuseram um retorno reformista aos textos canônicos, no entanto, visando à manutenção do *status quo* e não sua transformação. Se houve proposta de alguma transformação, foi porque o próprio movimento passou do conservadorismo para a reação (“do contra”), ou seja, constituiu-se como movimento reacionário.

No caso do fundamentalismo protestante *stricto sensu*, sem a Bíblia anotada de Scofield e a popularização do dispensacionalismo pré-milenarista promovida por ela, o movimento certamente não teria o sucesso que alcançou em boa parte do mundo protestante estadunidense (e também mundial), no transcurso do século XX. A disseminação do pré-milenarismo dispensacionista foi tão relevante que se tornou a grande distinção do fundamentalismo contemporâneo – na verdade, construída ao longo do século XX – em relação aos primeiros adeptos do movimento. Mas nem todo fundamentalismo protestante é – como nem sempre foi – pré-milenarista. Por extrapolação consciente do escopo deste artigo, propomos mais uma relação possível (por aproximações e distanciamentos): se o pré-milenarismo é uma *característica forte* do pentecostalismo hodierno em suas multiformes manifestações e nem todo fundamentalista é necessariamente pré-milenarista, então, o fundamentalismo não é exclusividade dos pentecostais, dito de outro modo, não somente os pentecostais são fundamentalistas, como podem supor uns e outros.

Na condição de contraponto privilegiado a Darby e Scofield, convém-nos apresentar, aos “de fora” e também à maioria dos “de dentro”, o teólogo presbiteriano John Gresham Machen e, de maneira particular, seu texto mais difundido, o artigo “Liberalism or Christianity?”, publicado em 1922 por *The Princeton Theological Review*,<sup>5</sup> que foi pouco tempo depois, em 1923, ampliado e publicado na forma de livro, com o título ligeiramente modificado: *Christianity and Liberalism*.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Na primeira página do artigo original, em nota de rodapé, lemos a seguinte informação: “Discurso apresentado [...] na Igreja Presbiteriana de Wayne (Wayne, Pensilvânia), aos 3 de novembro de 1921, perante a Oitava Convenção Anual da Associação dos Presbíteros Regentes do Presbitério de Chester, com o tema ‘Os ataques atuais contra os fundamentos de nossa fé cristã, do ponto de vista das faculdades e seminários’” (MACHEN, 1922, p. 93).

<sup>6</sup> Duas edições do livro *Christianity and Liberalism* traduzidas para o português foram utilizadas neste artigo: a primeira é uma versão impressa, de 2012, publicada por “Shedd Publicações”, que é a base de nossas citações; da segunda, que é de 2014 em formato digital (*e-book*) correspondente à edição impressa de 2001, publicada pela Editora “Os Puritanos”, utilizamos o texto do prefácio de autoria de Michael Horton, que, não por acaso, é ocupante da cátedra “J. Gresham Machen” de Teologia Sistemática e Apologética no *Westminster Seminary California* (cf. <https://www.wscal.edu/academics/faculty/michael-s.-horton>. Acesso em: 7 nov. 2018).

Dentro da assim chamada *controvérsia modernista-fundamentalista*, Machen e seu livro tiveram papel preponderante na defesa das verdades de fé do protestantismo (pelo lado dos fundamentalistas, é claro).

Difícilmente poderia se dizer que o próprio Machen era a caricatura de um “fundamentalista”. Filho de uma distinta família de Baltimore foi educado em algumas das melhores universidades americanas e europeias. Partilhou com Karl Barth e Rudolf Bultmann, entre outros, do prestígio de ter sido aluno do teólogo liberal Wilhelm Herrman. Machen estava também convencido de que o liberalismo estava tendo sucesso não por causa da sua melhor erudição, mas precisamente porque a liderança protestante estava vendendo barato o seu capital intelectual em troca do sentimentalismo. Ao ser questionado se era “fundamentalista”, Machen preferiu o rótulo descritivo de “Reformado” [Calvinista]. [...] Machen não foi, também, dispensacionalista, que era a visão teológica que, nos últimos dias, dominou o movimento fundamentalista (HORTON, 2014, n.p.).<sup>7</sup>

Há autores e teólogos – muitos dos quais alinhados com o espectro conservador do protestantismo, por exemplo, James Innell Packer (1958) – que preferem classificar Machen como *evangelical* – o que é bem razoável, para não dizer correto. Podemos asseverar, entretanto, que Machen concordava com a maioria dos colegas protestantes fundamentalistas quanto ao modo de interpretar o passado pelo retorno seguro à ortodoxia, gestado e garantido pela leitura segundo o viés da inerrância das Escrituras. O caráter atípico de Machen, que faz vacilar qualquer tentativa clássica de classificação do protestantismo histórico e pentecostal, foi delineado de maneira bem didática por Martin E. Marty (1997, p. 177):

Machen não gostava de chamar a si mesmo de fundamentalista, mas também não encontrava nenhuma objeção inerente ao termo. Dizia que, se alguém carregasse a palavra modernista como polo oposto [ao seu], ele estaria, então, disposto a chamar a si mesmo de “fundamentalista do tipo mais pronunciado”. Assim como Machen não era um partidário típico, nem um articulador de todas as frentes fundamentalistas, também parecia atípico na forma direta, mas não na essência, de algumas de suas posições sociais e políticas. Enquanto muitos batistas e presbiterianos alegavam estar acima da política, ele entrava em brigas não como um denominacionista, mas como um inveterado escritor de cartas para o New York Times e outros jornais importantes. Ainda assim, ele *parecia* não político por não apoiar o Evangelho Social. De fato, suas posições, embora geralmente libertárias [no sentido da não ingerência do Estado na vida do indivíduo], anteciparam precisamente os aspectos conservadores que o fundamentalismo assumiu, décadas mais tarde, quando sua liderança adotou o compromisso de ter se tornado abertamente política.

---

7 Interessante que o próprio autor da citação acima, Michael Horton (2014), noutra passagem do prefácio à edição brasileira do livro *Cristianismo e liberalismo*, faça o registro de que o jornalista H. L. Mencken cunhou o epíteto (em sentido elogioso) “Doutor Fundamentalista” para se referir a Machen.

Podemos perceber que, mesmo não gostando de ser chamado de *fundamentalista*,<sup>8</sup> Machen aceitava ser contado com os fundamentalistas, pois entendia ter com eles um adversário comum, o liberalismo teológico. Em contrapartida, quanto ao futuro, mais o escatológico do que o histórico propriamente, Machen (2012, p. 46) divergia do modelo dispensacionalista pré-milenarista (próprio de muitos fundamentalistas):

Um exemplo de opiniões diferentes que têm alcançado proeminência, nos dias atuais, diz respeito à ordem dos eventos que têm a ver com a volta do Senhor. Um grande número de cristãos acredita que, quando a maldade atingir seu clímax no mundo, o Senhor Jesus voltará a essa terra em presença corporal, para trazer um reino de justiça que durará mil anos, e que somente após esse período o fim do mundo virá. Essa crença, na opinião deste autor, é um erro ocasionado pela falsa interpretação da Palavra de Deus; não acreditamos que as profecias da Bíblia permitam uma esquematização tão definida dos eventos futuros.

Machen demonstrou que a crítica fundamentalista ao liberalismo teológico não inclui como resultado necessário a escatologia dispensacionalista; por conseguinte, sentia-se livre para reconhecer que – com os fundamentalistas ou no meio deles – o que os unia era maior e mais decisivo do que os pensamentos divergentes. Nas palavras do próprio Machen (2012, p. 46), “quão grandes são nossas concordâncias com aqueles que acreditam no pré-milenarismo”. A concordância principal estava relacionada à reverência pela autoridade da Bíblia, ao passo que a discordância, por óbvio, residia na interpretação da consumação dos tempos (ou o tempo da segunda vinda de Cristo). Machen não considerava *mortal* o erro dos pré-milenaristas, por mais sério que pudesse ser; mortal, para ele, era o erro dos liberais modernos, cujo corolário não podia ser diferente da negação naturalista de todo cristianismo.

Dada a impossibilidade de ideologias sem as condições materiais a conferir a elas legitimidade e sustentação, destacamos três cruzamentos (ou afinidades eletivas) da história com certo ideário teológico, do modo como foram reconhecidos por Machen no período fundante do fundamentalismo. O primeiro: o mundo se encontrava numa batalha contínua entre a verdade e o erro, e não podia haver paz sem a vitória de um dos lados – é claro, o lado da *verdade*. Defender a verdade, portanto, significava lutar pela paz, nada menos do que isso; como consequência, o liberalismo teológico não podia

---

<sup>8</sup> Para relacionarmos a discussão quanto a Machen ser ou não ser literalmente um fundamentalista, julgamos também oportuna a seguinte opinião de George Marsden (1995, p. 32): “Machen, um erudito do Novo Testamento já realizado, alcançou proeminência nacional [nos EUA] como um defensor do fundamentalismo [termo de que ele não gostava] com a publicação do seu *Cristianismo e liberalismo* em 1923”.

ser considerado cristianismo, pois o resultado de seus postulados não podia levar à promoção da paz. O segundo dizia respeito aos avanços das ciências na modernidade: se há uma verdade científica e outra religiosa, divergentes entre si, ambas não podem estar corretas. Assim, os protestantes liberais ou estavam fundando uma religião nova ou caminhavam de retorno a alguma que fosse anterior ao cristianismo – porque retiravam dele tudo o que não podia ser explicado pelas ciências modernas (naturais e humanas). Segundo a lógica de Machen (2012, p. 23), “é perfeitamente aceitável que os fundadores do movimento cristão não tivessem o direito de legislar pelas gerações seguintes, mas eles tiveram o direito de legislar por todas as gerações que escolherem carregar o nome ‘cristão’”. Então, quanto mais distante do *fundamentalismo*, mais distante de ser cristão qualquer movimento religioso. O terceiro estava relacionado ao desejo fundamentalista de entronização do passado. Pelo argumento de Machen, o sujeito moderno, ao ganhar o mundo (pela ciência e técnica), perdeu sua alma – mas não somente em sentido religioso, o que seria muito óbvio.

Apesar da poderosa revolução que tem sido produzida nas condições externas da vida, não há nenhum grande poeta para celebrar a mudança; de repente, a humanidade se tornou burra. Também já se foram os grandes pintores, músicos, escultores. A arte que ainda existe é, em grande medida, imitação, e quando não imita, normalmente é bizarra (MACHEN, 2012, p. 15).

Pelos arrazoados de Machen, podemos verificar um dos modelos mais recorrentes da operacionalização do fundamentalismo em face das condições materiais de seu tempo (em qualquer tempo, não somente nos primórdios do movimento): a sacralização do passado, ainda que idealizado ou reconstruído. A pergunta de Machen é muito clara: como restaurar a glória do passado à humanidade?

O autor deste livro descobriu esse segredo na fé cristã. Mas a fé cristã dita aqui, por certo, não é a religião da igreja liberal moderna, mas sim a mensagem da graça divina, quase esquecida hoje, como o foi na Idade Média, destinada a queimar novamente, de acordo com o tempo de Deus, em uma nova Reforma, e trazer luz e liberdade para a humanidade (MACHEN, 2012, p. 20).

Como muitos fundamentalistas de seu tempo, Machen nutria a auto-consciência de estar na vanguarda de uma nova reforma da igreja. Quanto ao passado, propunha o eterno e seguro retorno aos fundamentos de outrora, quer dizer, a uma leitura única dos textos sagrados. A condescendência dele quanto aos pré-milenaristas – *estão errados, mas não se trata de um erro mortal* –

comprova, mais uma vez, não só que o movimento fundamentalista não era monolítico, mas, principalmente, que cada grupo (ou até mesmo cada pessoa), frente à instauração de alguma divergência, sentia-se na posse da verdade. Mais do que isso, julgamos correto afirmar que é cismática, por definição, a constituição do fundamentalismo. Quanto ao futuro (histórico e escatológico), Machen divergiu do modelo que veio a ser o fundamentalista por excelência. E a posição teológica adotada por ele dentro do movimento, bem como as consequências políticas e sociais advindas dela, coloca-nos diante de considerações que não podem ser silenciadas, mesmo que enfraqueçam, de uma forma ou de outra, a crítica que fazemos ao fundamentalismo – e a possíveis pensamentos e ações fanáticos e extremistas decorrentes dele.

Prócoro Velasques Filho (1990) demarca as divisões internas no fundamentalismo das origens, ao demonstrar que na coletânea *The Fundamentals* escreveram autores que podem ser distribuídos em dois grupos. De um lado, os que fechavam questão com o teólogo escocês James Orr, ou seja, mais próximos do entendimento de que o objetivo primeiro da inerrância bíblica é a comunicação da vida, ou seja, a experiência religiosa – posteriormente, passaram a ser conhecidos como *evangelicais*. De outro, os *fundamentalistas propriamente ditos*, teólogos vinculados direta ou indiretamente à escola de Princeton, para os quais a meta da inerrância é o conhecimento de Deus, ou seja, a pureza doutrinária, com a consequente posse da verdade. Machen se fazia contar dentre os teólogos que lecionaram em Princeton.

A designação “fundamentalista” foi atribuída a essa tendência do conservadorismo protestante na ocasião da Conferência Mundial dos Cristãos Fundamentalistas, que aconteceu em 1919. Alguns autores<sup>9</sup> atribuem a origem do nome a Curtis L. Laws. Ocorre, entretanto, que a Conferência antecedeu o escrito de Laws. Como organização ela já existia desde a Conferência Bíblica Niágara, celebrada em 1878. O movimento fundamentalista enfraqueceu, ao mesmo tempo que produzia divisões em várias Igrejas, particularmente entre as presbiterianas. Ante o risco da divisão, os presbiterianos norte-americanos reformularam o Seminário Teológico de Princeton. Os professores mais

---

<sup>9</sup> Em nota no texto original (a de número 5), Velasques Filho (1990, p. 123) cita dois livros para exemplificar o que, para ele, é um equívoco histórico: atribuir a Curtis Lee Laws a origem do nome fundamentalismo. O primeiro é o livro *The roots of fundamentalism: British and American millenarianism, 1800-1930*, de Ernest Robert Sandeen (2008, p. 246), no qual podemos ler: “A palavra fundamentalista aparentemente foi cunhada por Curtis Lee Laws no editorial de 1º de julho de 1920 do [periódico batista] *Watchman-Examiner*”. O segundo, *História documental do protestantismo no Brasil*, de Duncan Alexander Reily (1993, p. 305), no qual encontramos a seguinte informação: “O rótulo ‘fundamentalista’ foi cunhado por Curtis Lee Laws, batista, redator do *Watchman-Examiner*, em 1920”. Entretanto, esclarecemos que tanto Sandeen como Reily tratam de todo o complexo contexto histórico-teológico da emergência do fundamentalismo – inclusive da conferência de 1919 –, não reduzindo a vinculação do nome fundamentalismo e do adjetivo fundamentalista ao editorial de Curtis Lee Laws.

conservadores renunciaram aos seus postos. Saíram, entre outros, liderados por J. G. Machen, Oswald T. Allis, Cornelius Van Til e Robert D. Wilson, que fundaram logo a seguir o Seminário Teológico Westminster, em sintonia com a herança tradicionalista de Princeton. A criação desse Seminário acelerou novo cisma no presbiterianismo norte-americano (VELASQUES FILHO, 1990, p. 123-124).

Por que julgamos difícil elaborar uma tipologia do protestantismo (ou do mundo evangélico) que inclua Machen? Por estarmos em face de um autor (teólogo, pastor) capaz de transigir com o pré-milenarismo de avivalistas e de pentecostais, que não compartilhavam com ele da mesma fé reformada, mas totalmente intransigente com os companheiros de sua igreja, calvinistas como ele, e que pensavam diferentemente dele. Ficava ele com a verdade – a *sua* verdade – nem que tivesse de romper com pessoas e instituições. Foi assim que participou como protagonista da cisão do Seminário de Princeton e fundação do Westminster Theological Seminary (Seminário Teológico de Westminster) em 1929; bem como do cisma da Igreja Presbiteriana nos EUA (PCUSA, na sigla em inglês), em 1936, com a fundação da Presbyterian Church of America (Igreja Presbiteriana da América), cujo nome foi alterado em 1939 para Orthodox Presbyterian Church (Igreja Presbiteriana Ortodoxa) – isso porque a PCUSA entrou com um processo legal contra o nome PCA, considerado muito próximo do seu próprio nome – espécie de plágio – e, portanto, passível de causar confusão.

De acordo com as três características mais marcantes do fundamentalismo propostas por Barr (1978, p. 1), Machen é um típico fundamentalista pela ênfase muito forte na inerrância bíblica, pela hostilidade contra a teologia moderna e, principalmente no caso dele, pela “convicção de que aqueles que não compartilham de seus pontos de vista não são realmente ‘verdadeiros cristãos’ de maneira nenhuma”. Divisionista como todo o fundamentalismo, Machen (2012, p. 135) propõe a seu grupo e ao de seus adversários um dilema (com ação consequente):

[...] uma coisa é certa – se liberais são cristãos ou não – o Liberalismo não é Cristianismo. Sendo este o caso, é altamente indesejável que o Liberalismo e o Cristianismo devam continuar sendo propagados dentro dos limites da mesma organização. A separação das duas partes dentro da igreja é a necessidade mais premente deste momento. Muitos têm buscado evitar a separação. Por que – questionam – os irmãos não podem viver juntos em união? A igreja tem espaço tanto para liberais quanto para conservadores. Deve-se permitir que os conservadores permaneçam, desde que mantenham questões frívolas em segundo plano, buscando priorizar “as questões mais importantes da lei”. E, dentre as questões frívolas, está a cruz de Cristo como expiação vicária pelo pecado.



Na sequência dos argumentos, dentro do último capítulo do livro *Cristianismo e liberalismo*, que é dedicado a questões eclesiológicas, Machen pergunta: se não há concordância entre cristãos (nascidos de novo) e liberais quanto ao estatuto da verdade, uma vez que os liberais recusam a autoridade e fidelidade da Bíblia, qual é o grupo que deve sair da igreja? (igreja visível, que fique claro, pois Machen não acredita que da invisível os liberais façam parte). Resta claro que o desejo de Machen está investido no sentido de os liberais abandonarem de livre e espontânea vontade as denominações que ocupam. A saída dos conservadores é, para ele, sem muito sentido, pois os recursos que as denominações administram são tantos, que devem ser aplicados somente naquilo que está de acordo com a verdade – e somente os ortodoxos conseguem fazer isso de maneira conveniente, somente eles estão de acordo com as causas verdadeiras da igreja. Causa-nos espécie a recusa ao diálogo com o pensamento divergente ou à sustentação do contraditório dentro de uma mesma denominação religiosa. Para Machen (2012, p. 141), entretanto, a intolerância é presumida e conscientemente assumida:

Essa defesa da separação não seria uma flagrante demonstração de intolerância? Comumente, levanta-se essa objeção. Contudo, ela ignora totalmente a diferença entre organizações voluntárias e involuntárias. Organizações involuntárias [os Estados, por exemplo] devem ser tolerantes, porém, organizações voluntárias [igrejas evangélicas, por exemplo], no que diz respeito ao propósito fundamental de sua existência, devem ser intolerantes ou, então, deixarão de existir.

A diferença é que organizações involuntárias – os Estados, por exemplo – contam com a adesão compulsória de seus partícipes, ao passo que no caso das organizações voluntárias – igrejas evangélicas, por exemplo –, a adesão depende de o fiel aceitar as regras da associação – e ninguém está obrigado a isso. Para Machen, os liberais deveriam criar uma própria denominação evangélica própria. Há uma questão teológica sutil em todo o arrazoado de Machen (2012, p. 149) – e que não pode passar sem registro:

Se a Palavra de Deus for considerada com atenção, a batalha cristã será travada com amor e fidelidade. Paixões partidárias e animosidades pessoais serão deixadas de lado, porém, por outro lado, até mesmo anjos do céu serão rejeitados se pregarem um evangelho diferente do abençoado Evangelho da cruz. Cada pessoa deve decidir de qual lado ficará. Deus queira que tomemos a decisão certa!

Mesmo sem desejar ser chamado de *fundamentalista*, com esse tipo de argumentação, Machen permite uma utilização ainda mais esgarçada do conceito *fundamentalismo*, a ponto de o fazer retroagir ao período apostóli-



co<sup>10</sup> – neotestamentário, deixemos claro, pois fundamentalismo associado aos assim chamados apóstolos em nossa contemporaneidade e país parece óbvio demais – e, portanto, incluindo muita gente.

## O fundamentalismo de J. G. Machen no livro *Cristianismo e liberalismo*

Localizado em seu próprio tempo e lugar, o pensamento de Machen, desvelado no livro *Cristianismo e liberalismo*, encontra-se pleno de um conservadorismo típico (também chamado de ortodoxia) das comunidades protestantes dos EUA no início do século XX. De forma complexa, a teologia de Machen (2012, p. 10) reconhece que “as mudanças nas condições materiais do mundo não vieram sozinhas, mas foram produzidas por fortes mudanças na mente humana. Por sua vez, as mudanças materiais não permanecem sozinhas, elas também provocam mudanças espirituais”. No livro em questão, o autor faz fortes objeções às visões de mundo e religião próprias do liberalismo teológico – considerado, por ele e pelos fundamentalistas seus contemporâneos o grande perigo à espiritualidade da época. Segundo Machen, ao tentar aproximar algumas questões religiosas da ciência moderna, a teologia liberal contrariava tudo aquilo que é próprio do cristianismo. “Se pudéssemos imaginar uma situação na qual toda a pregação da igreja fosse controlada pelo Liberalismo, o que já é preponderante em muitos lugares, cremos que o Cristianismo teria, afinal, desaparecido da face da terra, e o Evangelho já não seria mais proclamado” (MACHEN, 2012, p. 14).

Ainda que Machen tenha feito referências positivas ao mundo moderno, não descartando o fato de que ele proporcionara melhorias nas condições de vida dos indivíduos, sua crítica enfatizava a dimensão espiritual, não somente religiosa, que a modernidade havia extirpado da sociedade. Ou seja, a dimensão material da vida até podia ter se transformado para melhor, no entanto, a resposta e a consequência para seu avanço foram o declínio espiritual acompanhado de perda de sentido (individual e coletivo). Na verdade, segundo Machen, progresso material e declínio espiritual andavam de mãos dadas: com o avanço das ciências e das técnicas, a humanidade havia se tor-

---

<sup>10</sup> A ideia – associada por nós de maneira livre ao caso de Machen – de retroceder a atitude *fundamentalista* ao período dos apóstolos, mesmo que o nome *fundamentalismo* ainda não existisse àquela época, foi desenvolvida por Osvaldo Luiz Ribeiro. Registramos aqui um exemplo do pensamento do autor: “[...] o Paulo de Gálatas. Para ele, homem ou anjo, qualquer um que ensinasse algo diferente dele deveria ser considerado anátema (Gl 1,9). Não há outro evangelho a não ser o que ele, Paulo, prega. Alguma chance de Paulo analisar o que está dizendo? Não se vai encontrar o nome ‘fundamentalismo’ nas cartas paulinas e, arrisco dizer, dificilmente se vai ‘acusar’ Paulo de fundamentalismo, mas sua atitude em Gálatas é exatamente a mesma dos fundamentalistas de hoje” (RIBEIRO, 2017, p. 148).

nado mais *pobre de espírito* – e não no sentido evangélico e bem-aventurado da expressão.<sup>11</sup>

Dentre as críticas de Machen à modernidade, como típico estadunidense, ele incluía a crítica da diminuição da liberdade na esfera individual, com o discurso direcionado contra o socialismo e o comunismo – lugar-comum, quase espontâneo, em toda a literatura fundamentalista estadunidense nos séculos XIX (fundamentalismo *avant la lettre*) e XX (fundamentalismo *stricto sensu*). “Essa tendência [de estreitamento no âmbito da personalidade] é vista claramente no socialismo, pois num estado comunista, a esfera de escolha individual é reduzida ao mínimo” (MACHEN, 2012, p. 15). Justiça seja feita, não é somente ao socialismo/comunismo que ele direcionou sua crítica:

A liberdade tem sido mantida com uma força muito precária, já que seus princípios fundamentais foram removidos. Por um momento, o utilitarismo, que entrou em voga na metade do século XIX, parecia que seria uma questão puramente acadêmica, sem influência sobre a vida cotidiana. Porém, essa aparência mostrou-se enganosa. A tendência dominante, mesmo em um país como os Estados Unidos, que se orgulhava de sua liberdade quanto aos regulamentos burocráticos sobre os detalhes da vida, direciona-se para um vulgar utilitarismo, no qual as aspirações mais elevadas se perderão (MACHEN, 2012, p. 17).

Diante de tantos assuntos, aquele que mais nos interessa destacar vem da perspectiva teológica: Machen ressalta que o liberalismo teológico não segue o ensinamento cristão que estabelece, dentre outras coisas, a transcendência de Deus e a necessidade da diferenciação entre criatura e Criador. Para ele, no liberalismo, a ligação entre Deus e o ser humano está vinculada a um processo natural – e destituído, portanto, dos princípios cristãos. É nesse sentido que a consciência e a importância do pecado se fazem presentes nos argumentos. A pertinência do discurso elaborado sobre o pecado no movimento protestante fundamentalista é uma das formas de reafirmar a condição de falta no/do indivíduo, bem como a de um mundo cercado de mazelas – e, portanto, condenável. Nada mais coerente, em Machen, do que a valorização da existência do pecado – de responsabilidade individual, enfatizamos, pois ele era avesso ao Evangelho Social (*Social Gospel*) e, conseqüentemente, a toda compreensão socializante de pecado – como uma forma competente para justificar a necessidade de devoção dogmática aos princípios fundamentalistas.

---

<sup>11</sup> Não foi por acaso que o fundamentalismo, na modernidade, surgiu como um discurso e uma ética (ou prática) capazes de restabelecer ao sujeito e às coletividades o sentido da vida (que fora perdido) – espécie de resposta definitiva em meio à angústia da dúvida e ao vazio existencial próprios da modernidade. Também não é por acaso que o fundamentalismo, em suas múltiplas facetas e modelagens, seja tão sedutor.

Ponto de contato imediato de Machen com o movimento fundamentalista, a condição da Bíblia livre de erros aparece como fator decisivo em seus argumentos; é por meio dela que os relatos das verdades eternas e a confirmação da revelação de Deus são conhecidos. Em contrapartida, ao rejeitar a doutrina da inspiração plena das Escrituras e, consequentemente, os princípios presentes nelas e decorrentes dela, o liberalismo moderno relativiza a verdade. Para evitar qualquer falta de ortodoxia, Machen advogava a importância de a religião cristã ser doutrinária, confessional mesmo – da parte dele, há uma espécie de veneração da Confissão de Fé de Westminster, quer dizer, tudo o que pode ser verdade, inclusive sobre Cristo e o cristianismo, está na Bíblia (se, e somente se, for lida pelas lentes daquele documento doutrinal e reformado do século XVII). Em algumas passagens de *Cristianismo e liberalismo*, o discurso de Machen é tão radical que chega a argumentar em favor da prioridade da Bíblia em detrimento do Cristo – óbvio que seus adversários são os discursos dos adeptos da teologia do Jesus histórico e congêneres:

Contudo, essa impressão [de que os liberais dependem somente de Cristo e podem, por isso mesmo, rejeitar outras porções da Bíblia] é completamente errônea. O liberal moderno não se apegava verdadeiramente à autoridade de Jesus. Mesmo que o fizesse, ainda assim ele estaria empobrecendo grandemente seu conhecimento de Deus e do caminho da salvação. As palavras de Jesus, pronunciadas em seu ministério terreno, dificilmente poderiam conter tudo o que precisamos conhecer sobre Deus e o caminho da salvação, pois o significado da obra redentora de Jesus dificilmente poderia ser apresentado antes que a própria obra fosse realizada (MACHEN, 2012, p. 68-69).

Assim, para Machen, os liberais desprezam o próprio Espírito Santo por considerarem, por exemplo, o ensinamento dos apóstolos inferior em autoridade aos de Jesus. Ammerman (1994, p. 5) foi capaz de captar muito bem o *espírito* do fundamentalismo ao ponderar que, “se um único erro de fato ou princípio for admitido na Escritura, nada – nem mesmo a obra redentora de Cristo – é certo”. Ademais, Machen deixa claro que a salvação é um *conhecimento* correto, um *saber* ortodoxo.

A posição de Machen era de um ousado defensor daquilo que é – ou que ele julgava ser – o cristianismo de fato, ao passo que depositava no liberalismo tudo aquilo que considerava errôneo: “O Cristianismo é fundamentado na Bíblia, baseia-se na Bíblia tanto em seu pensamento como em sua vida. O Liberalismo, por outro lado, é fundamentado nas variáveis emoções do homem pecaminoso” (MACHEN, 2012, p. 70). Por isso mesmo, Machen não considerava correto dividir o mesmo espaço com grupos, mesmo que de igrejas ou denominações protestantes, que discordassem significativamente sobre questões religiosas importantes. O liberalismo não deveria ser tomado

tão somente como uma heresia praticada dentro da igreja, mas como uma corrente totalmente diferente do Cristianismo. “Ele [o liberalismo] difere do Cristianismo em seu conceito sobre Deus, o homem, a autoridade e o caminho da salvação. E, não somente difere do Cristianismo em teologia, mas também na totalidade da vida” (MACHEN, 2012, p. 145). Corolário: o liberalismo nada mais é do que um movimento anticristão.

Apesar de tanto radicalismo de Machen quanto a questões chamadas por ele de essenciais, no terreno das diferenças não essenciais, o caso da escatologia é emblemático. Vale lembrar: mesmo sendo um crítico do pré-milenarismo, por considerá-lo um erro grave de interpretação da Bíblia, Machen não via os adeptos da visão pré-milenarista como inimigos, pelo contrário, pretendia que a comunhão entre eles fosse superior a qualquer tipo de diferença de opiniões que pudesse existir. “[...] Ao insistir na base doutrinária do Cristianismo, não queremos dizer que todos os pontos da doutrina são igualmente importantes. É perfeitamente possível manter a comunhão cristã apesar da diferença de opiniões” (MACHEN, 2012, p. 46).

Para alguém que nunca fez questão de esconder que os inimigos do cristianismo – segundo a classificação dele, é claro – deveriam sair espontaneamente das igrejas, pois da Igreja não faziam parte mesmo, era de se esperar o seguinte: vencido o liberalismo, inimigo comum a ambos os grupos (amilenaristas e pré-milenaristas), os pré-milenaristas seriam também convidados a reverem suas posições escatológicas – ou converteriam suas mentes ou deveriam sair das igrejas. Quem se acha na posse da verdade – de uma única verdade – não para de brigar nunca, a beligerância e o separatismo são próprios da constituição ontológica do fundamentalismo.

Fato é que Machen não foi um bom estrategista, pelo menos, não no concernente aos efeitos não intencionais de suas ações. Quando da fundação da Igreja Presbiteriana da América (depois, Igreja Presbiteriana Ortodoxa), Machen levou consigo, dentre outros líderes, Carl McIntire, “que se tornaria o principal fundamentalista separatista nos anos 1940” (HARRIS, 2008, p. 32). Machen não foi capaz de avaliar a profundidade das rachaduras já existentes na denominação que estava a criar. Assim, a Igreja Presbiteriana da América, talvez por ironia da história, passou por um cisma, “depois da morte de Machen em 1937, quando McIntire fundou a Igreja Presbiteriana Bíblica [*Bible Presbyterian Church*]” (HARRIS, 2008, p. 32). Também em 1937, o Seminário de Westminster se dividiu, sendo que alguns de seus professores junto com McIntire fundaram o *Faith Theological Seminary*. A ironia da opinião de Marty (1977, p. 187) é bem didática quanto ao caso: “Ele [McIntire] fundou o Sínodo Presbiteriano Bíblico [*Bible Presbyterian Synod*, depois,

Igreja], um cisma à direita da verdadeira igreja de Machen. Presbiterianismo vivo [sobrevivente], e despedaçado”. Mas a divisão, como está claro, não começou somente depois da morte de Machen, ao contrário. O separatismo é um estado de espírito no fundamentalismo. McIntire começou a minar a liderança de Machen dentro da denominação, em temas como participação política, questões de moralidade (usos e costumes) e – o que mais nos interessa aqui – opções escatológicas: McIntire era adepto do pré-milenarismo. Para ele, uma igreja, para se opor de fato ao liberalismo modernista, teria de abraçar como verdade a perspectiva escatológica pré-milenarista. A luta de McIntire serviu, de certo modo, para afastar o qualificativo fundamentalista de Machen e de sua biografia.

### Considerações finais

Os caminhos da investigação proposta chegam ao fim e, por aqui, julgamos oportuno explicitar a ideia de que não é rigoroso considerar o fundamentalismo somente como sinônimo de ação terrorista, nem como se estivesse restrito ao lado de fora da tradição cristã, quer dizer, na religião *do outro*. Ao contrário, o cristianismo protestante é o *locus* original do fundamentalismo. Em favor da verdade, fundamentalistas protestantes sempre estiveram prontos para a beligerância e a violência – quase nunca física, mas simbólica o tempo todo. O que McIntire, por exemplo, representou para Machen, logo depois, Francis Schaeffer representaria para ele (McIntire) – os nomes podem mudar a cada período, mas o esquema permanece o mesmo, é estrutural. Ou seja, o fundamentalismo é separatista ou não é fundamentalismo.

Intencionamos com este artigo demonstrar que o século XX construiu uma justificada relação entre fundamentalismo (ou melhor, fundamentalistas) e pré-milenarismo (ou melhor, pré-milenaristas). Assim, paulatinamente durante todo o século passado, o fundamentalismo foi migrando do protestantismo histórico – em sua maioria, amilenarista quanto à escatologia – para o pentecostalismo e neopentecostalismo, nos quais a escatologia pré-milenarista é característica forte.

Como toda tentativa de tipologizar é sempre parcial e não conclusiva, para ampliar o espectro deste nosso ensaio de classificação do fundamentalismo, resolvemos tratar da figura emblemática de John Gresham Machen – um fundamentalista que não gostava de ser chamado assim, a menos quando fosse relevante para não ser confundido de maneira nenhuma com um liberal ou algo parecido em seu tempo de vida. Ele é emblemático por fazer vacilar qualquer tentativa de definição de fundamentalismo pelo viés da teologia escatológica – dispensacionalismo e pré-milenarismo. Machen

foi um protestante, reformado e fundamentalista, mas não pré-milenarista. E ousava dialogar e caminhar com pré-milenaristas, em sua luta comum contra o liberalismo teológico. Aquilo que parecia ser uma de suas forças, revelou-se como a fratura necessária para o desabamento de seu edifício – não conceitual, mas o da militância.

Dentre as confusões possíveis relacionadas ao nome *fundamentalismo*, no Brasil atual, tem-se associado o fundamentalismo aos pentecostais e neopentecostais. É um reducionismo, pois nem todo pentecostal é fundamentalista. Também porque o fundamentalismo foi – e continua a ser – uma produção do protestantismo histórico ou tradicional. Assim, nem todo fundamentalista é pentecostal. Um cuidado que devemos tomar: no campo das relações entre religião e política, portanto, não é somente pela ação das grandes igrejas pentecostais e neopentecostais – que ficam a anunciar (às vezes, aos gritos) a iminência do fim do mundo – que o fundamentalismo pode entrar na arena pública. Ele age também de maneiras mais sutis – e por meio de argumentos racionalmente construídos.

Saber de tudo isso ajuda muito na compreensão do campo religioso no Brasil no mundo – tanto a investigadores religiosos (*de dentro*) como a não religiosos (*de fora*). É preciso dar ouvidos a Mendonça.

## Referências bibliográficas

- AMMERMAN, Nancy T. North american protestant fundamentalism. In: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. *Fundamentalisms observed*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994, p. 1-65.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BARR, James. *Beyond fundamentalism*. Philadelphia: The Westminster John Knox Press, 1984.
- BARR, James. *Fundamentalism*. Philadelphia: The Westminster John Knox Press, 1978.
- BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HARRIS, Harriet. A. *Fundamentalism and evangelicals*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HINDSON, Edward E. Introdução: o significado histórico de *Os fundamentos*. In: COUCH, Mal (Ed.). *Os fundamentos para o século XXI: examinando os principais temas da fé cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 15-33.
- HORTON, Michael. Prefácio. In: MACHEN, John Gresham. *Cristianismo e liberalismo*. [s.l.]: Os Puritanos, 2014. E-book.
- KAMLER, Barbara; THOMSON, Pat. Trabalhando com literaturas. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (Orgs.). *Teoria e métodos de pesquisa social*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 45-55.

- LÖWY, Michael. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. *Plural*, São Paulo, vol. 17, n. 2, p. 129-142, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74543/78152>. Acesso em: 27 set. 2018.
- MACHEN, John Gresham. *Christianity and liberalism*. Disponível em: [https://reformed.org/books/chr\\_and\\_lib/](https://reformed.org/books/chr_and_lib/). Acesso em: 5 nov. 2018.
- MACHEN, John Gresham. *Cristianismo e liberalismo*. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.
- MACHEN, John Gresham. Liberalism or christianity? *The Princeton Theological Review*, Princeton, vol. 20, n. 1, 1922, p. 93-117. Disponível em: <http://commons.ptsem.edu/id/princetontheolog2011arms-dmd008>. Acesso em: 5 nov. 2018.
- MARSDEN, George. *Reforming fundamentalism*. Fuller Seminary and the New Evangelicalism. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1995.
- MARTY, Martin E. *Modern american religion*. Vol. 2: The noise of conflict, 1919-1941. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1997.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Ciência(s) da religião: teoria e pós-graduação no Brasil. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *A(s) ciências(s) da religião no Brasil*: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 179-196.
- MOLTMANN, Jürgen. Fundamentalismo e modernidade. *Concilium*, Petrópolis, n. 241, p. 141-148, 1992-1993.
- PACKER, James Innell. *“Fundamentalism” and the Word of God*: some evangelical principles. Grand Rapids: Eerdmans, 1958.
- REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1993.
- SANDEEN, Ernest Robert. *The roots of fundamentalism*: british and american millenarianism, 1800-1930. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.
- VELASQUES FILHO, Prócoro. O nascimento do “racismo” confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 111-131.

Submetido em: 30-12-2018

Aceito em: 11-6-2019